



IX Colóquio Internacional São Cristóvão/SE/Brasil

“Educação e Contemporaneidade” 17 a 19 de setembro de 2015

ISSN 1982-3657

## TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA EDUCAÇÃO: POSSIBILIDADES DE EMANCIPAÇÃO E/OU REGULAÇÃO

MARIA CONCEIÇÃO DA SILVA LINHARES

EIXO: 14. TECNOLOGIA, MÍDIAS E EDUCAÇÃO

### Resumo

Compreender a lógica da sociedade requer o olhar sobre seus mecanismos emancipadores e reguladores. Este artigo pretende fazer uma reflexão sobre a questão da emancipação pela via da Educação, procurando fazer um contraponto entre o conceito de emancipação proposto por Adorno e as reflexões de Boaventura a respeito do tema. Nesse exercício procuramos incluir a presença e as possibilidades de uso das tecnologias da informação e comunicação - tic na educação como instrumento de emancipação e/ou de regulação e manutenção do *status quo*. Compreensão necessária para no caso das tic descortinar as crenças emancipatórias somente pela garantia do acesso sem compreensão da configuração dos espaços, linguagens e interpretação das informações.

Palavras chave: Educação. Emancipação. Tecnologias da Informação e Comunicação

### Abstract

Understand the logic of society requires the look on his emancipatory and regulatory mechanisms. This article aims to reflect on the question of emancipation through education, looking to make a counterpoint between the concept of emancipation proposed by Adorno and the reflections of Boaventura on the subject. In this exercise we try to include the presence and the possibilities for the use of information and communication technologies - tic in education as empowerment tool and / or setting and maintaining the status quo. Understanding necessary for the case of tic uncover the emancipatory beliefs only by ensuring access without understanding of the configuration spaces, languages & 8203; and interpretation of information. Keywords: Education. Emancipation. Information and Communication Technologies.

### Introdução

Conhecimento e informação são representações valorativas da sociedade atual numa interlocução com diversos aspectos, dentre eles, os saberes e as linguagens. As TIC - Tecnologias da Informação e Comunicação, especialmente, a internet são potencializadoras da distribuição, da produção e da comunicação do conhecimento e da informação acomodando ou suscitando interesses, ideologias, saberes, culturas, seja no *devir* da democratização quanto ao acesso e a elaboração crítica ou a indução a margear a informação pela via da comercialização.

É uma caracterização de acomodação as mutações da sociedade na contemporaneidade, produzindo informações simultâneas dos acontecimentos do mundo e de diversas culturas, ilustrando novas formas de pensar e de construir. Muitas vezes num direcionamento hegemônico em direção às amarras da homogeneização das idéias, da crença absoluta nas ciências, na técnica e na acomodação de um *devir* pragmatista e utilitarista.

Dependendo da concepção, de recepção e utilização, as TIC são representações à (de)formação. Tanto pode servir para acomodar processos racionalistas, lineares, reducionistas de um modo de ver, de produzir, como pode desenvolver

processos que ampliem as competências voltadas para a construção da cidadania e a socialização do homem como uma totalidade.

A primeira suposição é via para a cegueira política e encantamento às égides dominantes que demarcam a lógica de mercado, de comunicação, de práticas sociais e educativas. Nega o sentido político de educação, de uma consciência verdadeira sobre a vida e os processos constitutivos da sociedade. Também é campo da segunda suposição quando abarca possibilidades de um novo *devir*, pautado em novos processos de comunicação social, de cultura, de ciências, de educação, num movimento híbrido de ação-reflexão sobre os saberes formais, sociais, políticos, históricos e culturais, contemplando as dimensões da complexidade contemporânea.

Esse contexto da configuração das TIC nos permite construir uma reflexão sócio-política sobre a educação e o processo de construção do conhecimento necessário à libertação dos sujeitos fundamentado no conjunto de idéias proposto por Adorno (1995), que compreende a necessidade de superação e esclarecimento da sociedade pela reflexão crítica, mediante a dominação burguesa nos processos históricos, políticos e sociais.

A educação não pode ser vista como processo de previsão, de regulação, de adaptação e de acomodação de saberes configurada à formação da subjetividade, emoldurada pela cientificidade dos processos e distante das reais condições humanas. Se assim o for, sua representação político social trabalhará sob adjetivação, encaminhando para ensinamentos estanques, com objetivos focados à formação linear, como é o caso da educação formal, norteada muitas vezes por métodos racionalistas e reducionistas que enfatizam o conhecimento científico sem interrelação com a práxis, com a experiência e com a vida.

Segundo Boaventura (2000), os processos sociais, dentre eles, a educação são norteados muito mais pelo conhecimento-regulação do que pelo conhecimento-emancipação, visto que há um desequilíbrio que se estabeleceu nas diversas esferas da vida social, um excesso de mecanismos reguladores e uma deficiência de mecanismos emancipatórios. É uma lógica que suscita tensões e questionamentos diversos, por exemplo, como conhecer a realidade sócio-cultural mediante lógicas reducionistas, cientificistas que negam o caos, a diversidade de saberes e de linguagens?

Para Boaventura (2000, p.27), o nosso lugar é hoje um lugar multicultural, um lugar que exerce uma constante hermenêutica de suspeição contra supostos universalismos ou totalidades. Adorno (1995) já compreendia o espírito de suspeição quando observa que a educação não é necessariamente um fator de emancipação, visto que a educação e os processos educacionais são configurados, mediante determinismos sociais, culturais, políticos e econômicos em vigor na sociedade. Portanto, segue um direcionamento guiado pelas tendências de mercado com inculcações ideológicas diversas.

Na visão de Adorno (1995) totalitarismo, auto-suficiência, racionalização instrumental e dominação são imposições e que podem se instalar em sociedades cujos cidadãos são semiformados, mediante processos educativos repressivos. É um processo de risco que pode levar a barbárie, como a que aconteceu em Auschwitz, centro de extermínio nazista, onde morreram um milhão de pessoas sob a imposição do nazismo.

Educação para quê? Questiona Adorno (1995), se nessa ambiência, a educação perde o valor ético do aprender, no sentido de formar o sujeito para a liberdade, para a consciência, para a autonomia. Ela precisa sair da visão de fetichismo, de sacralização para alcançar a humanização.

Para tanto, é necessário elaborar o passado revisitando as contingências vividas, as insatisfações, as imposições, os preconceitos, os atos, o dito e o não dito para desamarrar os nós objetivos e subjetivos de um passado que acomoda o presente. Para Adorno (1995, p. 48), a elaboração do passado como esclarecimento é essencialmente uma tal inflexão em direção ao sujeito, reforçando a sua auto-consciência e por esta via, também o seu eu.

Pelo que está posto, o contexto histórico deve definir enquanto espaço de correlações entre passado, presente e futuro, não somente as demandas, mas principalmente, os olhares possíveis sobre os erros e acertos para conduzir as ações presentes e futuras por caminhos críticos e libertadores.

Assim, é necessário conhecer as contingências vividas, desvelar o presente enquanto tempo e espaço de aceitação e de acomodação aos mandos e desmandos da indústria cultural que escraviza e barbariza as relações sociais nos diversos espaços de formação, seja no trabalho, na escola, no lazer. Haja vista que de acordo com Boaventura (1999), o projeto de modernidade exacerba no pilar da regulação enquanto mutila o da emancipação.

Cada sociedade se constitui a partir de um panorama político, social, cultural, educacional imposto a cada época, divergindo e convergindo na tessitura de tendências e desdobramentos que atendam as exigências do momento. Contudo, destacamos que a caracterização de uma sociedade é direcionada também pela leitura da memória de seus antepassados revelando os modos de pensar, de fazer, de transmitir, de educar e de viver de um povo.

Portanto, são reflexos de um tempo que passou, mas que imprimiu suas marcas no tempo do hoje e do amanhã e no espaço geográfico e cultural. Assim, complementa Toledo, citando Azevedo, (1995, p.164) “a educação é uma espécie

de síntese da evolução da civilização; estudá-la é via segura para a compreensão de toda a sociedade, ao mesmo tempo que pode ser um parâmetro para as escolhas dos principais fatos que compõem a síntese da cultura brasileira”.

Esse pensar filosófico de elaborar o passado a partir das raízes políticas, econômicas e culturais faz o indivíduo entender o presente e sua atuação, mediante os conceitos que empreendem nas experiências, no trabalho e na formação. É um processo que conforma o homem enquanto ser mutante que se aprimora, que cria e recria na formação do seu devir, concomitante às mudanças da história, num movimento de ordem e desordem.

Assim, a temporalidade se reordena. Vivemos rompendo o passado para compreender as coisas para pior ou para melhor, ora produzimos práticas humanizadoras, ora repressoras, ora o passado nos faz avançar ou retroceder. O passado precisa fazer parte da nossa vida porque somos formados por totalizações num movimento de ordem e desordem.

Essa dialética entre o antes e o agora permite o indivíduo conhecer a si mesmo e as nuances do mundo a sua volta. É um processo filosófico para a formação cultural, mediado por percepções, empreendimento intelectual, esforço, disciplina e amor, que efetiva a autonomia, a conscientização e a emancipação.

Na efetivação desse processo, a linguagem é o canal de respostas, de identificação e decodificação da relação homem/natureza, permitindo o amadurecimento da subjetividade do homem a partir do conhecimento e reflexões que aprimoram o eu e que na experiencização aprimoram o outro. Há, portanto, um crescimento individual e coletivo.

É um contexto que apreende uma concepção política de educação, como espaço e possibilidade de desenvolvimento e construção sociopolítica incitando mecanismos de crítica a colonialidade dos meios de comunicação e informação tendo em vista do avanço da técnica, da tecnologia e dos saberes diversos e globais. Percepção constitutiva da formação do sujeito fortalecida pelas relações individuais e coletivas num processo de maturação para problematização e elucidação do conhecimento moderno.

Todavia, a apropriação de tais percepções e conhecimentos são mediados por linguagens, técnicas e tecnologias que representam os bens culturais. Dominá-los é empreendimento para elucidar os diversos significados que engendram, sejam convergentes ou divergentes com o contexto sócio cultural.

O contexto histórico da tecnologia nos primórdios da humanidade reflete estas especificidades, visto que segundo Lion (1997, p. 25), “para os gregos, a técnica (techné) tinha um significado amplo. Não era mero instrumento ou meio, senão que existia num contexto social e ético no qual se indagava como e por que se produzia um valor de uso”. Portanto, requeria experiência e elementos do pensar, do raciocínio para a manipulação dos instrumentos, das idéias, dos procedimentos para estruturar uma ação.

Esta concepção de tecnologia se transcender a sua utilização, distribuição e recepção permite um pensar sobre a sua utilidade no meio, na natureza, na escola, no trabalho contribuindo para o desenvolvimento de uma consciência crítica libertadora por parte dos usuários, alunos, dos trabalhadores.

Na escola, a preparação do professor para o uso de diferentes tecnologias e suas linguagens, possibilita a produção de ações pedagógicas que encaminham o aluno a uma leitura crítica dos mesmos, percebendo os impactos na sua vida, na escola e no mundo, guiados pela transparência da autoridade do professor, refletida no planejamento, nos princípios educacionais, nas interferências e reflexões suscitadas no ato de fazer e compreender. É um empreendimento que equipa a educação, na visão de Adorno, para o esclarecimento e para a consciência.

Usar as tecnologias e suas diferentes linguagens sem esse alcance reforça as contingências arraigadas de matizes fossilizadoras presentes no processo educacional, mediadas por metodologias ultrapassadas que leva a repetição ou o entendimento do óbvio, a acomodação, a esterilização da criação, da participação, da supremacia do produto acima do processo. É uma conjuntura que leva o indivíduo a ações coisificadas, ideologizadas segundo as exigências técnicas, mas sem uma leitura crítica das mesmas. É uma via para a semiformação.

Para Adorno (1995), esse processo é prescrito e atualizado na educação formal pelas abordagens lineares das informações, no sentido da conformidade, da não crítica, do desperdício das possibilidades efetivas da formação.

Contrariar essa dinâmica requer empreendimento na formação política e social dos homens para compreender as objetividades e subjetividades sociais. É nesta perspectiva que Boaventura (2000) percebe a necessidade de olhares múltiplos, transdisciplinares e reflexivos para a apreensão da lógica da sociedade nos desdobramentos do conhecimento, do poder, da aprendizagem, da tecnologia, da comunicação, da cooperação.

Para Adorno (1995), a educação pode ser uma via para irromper esse processo, se houver uma formação integral do indivíduo no sentido político para apreensão da realidade sem medos e encantamentos, consciente dos processos políticos, econômicos e culturais. Contudo, acreditamos que mesmo o uso marginal, diagonalmente coisificado enriquece o processo educativo de quem utiliza, seja pelo acesso a linguagens diversas, seja pelos olhares sobre manifestações artísticas diversas, seja pela ótica do cinema, da música, do rádio, da TV, da internet, ou ainda, pela dinamicidade intrínseca a interface das Tecnologias da Informação e Comunicação, através dos seus mecanismos para

a pesquisa, para a produção e para a interação podem suscitar modos de fazer e de aprender na perspectiva da emancipação.

Para que haja a transmutação da suposição à práxis é necessário acentuarmos a importância do conhecer as possibilidades interativas e produtivas das TIC, mediante o preparar-se à, pela via da percepção e reflexão do como e para quê, e assim, perceber-se como cidadão que ensina e aprende a partir das trocas de saberes, culturas, valores, sentimentos enriquecendo a si e o outro. Participantes, portanto, da aldeia global (Mc Luhan, 1972), do ciberespaço (Pierre Lévy, 1998), em que todos tem possibilidades de aprender, crescer, aprimorar seus conceitos, percepções e reflexões; são empreendimentos para a humanização, para a formação e para a emancipação.

Nesse sentido, a democratização às artes, às linguagens, via às tecnologias mediadas por uma autoridade consciente do processo de formação e por essa via mediar e intercambiar os saberes e conhecimentos científicos com a práxis permite a experienciização do sujeito propondo problematizações que suscitem percepções, leituras e reflexões do real, do local, do global e do virtual. É um exercício para o conhecimento-emancipação que evidencia as mutações, as subjetividades do sujeito e a percepção do seu papel político. Para Boaventura (2000, p. 111), na era tecnológica

o conhecimento-emancipação pressupõe uma nova ética que, ao contrário da ética liberal, não seja colonizada pela ciência nem pela tecnologia, mas parta de um princípio novo. A meu ver, este princípio novo é o princípio da responsabilidade proposto por Hans Jonas.

Este princípio também se acomoda no lócus da aprendizagem virtual na perspectiva da colaboração, mediante combinações e interesses comuns dos sujeitos, num movimento híbrido de planos, estratégias, alianças, negociações e adesões decorrentes das relações sociais construídas num novo espaço/não espaço que é o mundo virtual.

A apropriação das tecnologias da informação e da comunicação pela escola não deve aglutinar mitos e ideologias sacralizadoras para o processo educacional, nem tão pouco de caminhar guiada pela modernidade e primar o estabelecimento das relações sociais sustentados pelo novo, numa visão maior de interconexão com as mudanças sociais estabelecidas pelas mudanças dos processos históricos advindos de fatores diversos.

As tecnologias da informação e comunicação efetivam a resolução de um problema para atender a necessidade, além da sua extensão técnica. Permite experienciar a leitura crítica, identificando e analisando as ideologias presentes, como devir adequado para a função formativa do ser.

A contextualização atual busca novos olhares à dinâmica da sociedade, da indústria cultural, a partir de novas formas de entendimento das relações sociais, novas formas de fazer e compreender diante das crises vividas em diversos setores da estrutura social.

As tecnologias da informação e da comunicação, principalmente a internet possibilita conhecer diferentes saberes, valores, culturas, ampliando as percepções do mundo, do outro e de si mesmo. Quando isso ocorre é caminho para a conscientização e para a emancipação. Essas possibilidades enriquecem o fazer pedagógico exigindo a construção de novos métodos de ensino que privilegiem a pesquisa, o gerenciamento das informações, a tomada de decisão, a importância do ato de pensar e repensar direcionados pela comunicação e problematização coletivas, através da participação, da cooperação, do respeito às opiniões e percepções do outro, com vistas à humanização do processo de aprendizagem.

A escola é um campo de intervenção social e como em todo campo dessa natureza, seja a igreja, o exército, o estado, há disputa de poder gerando polarização pelos valores que cada um quer impor, seja pela inculcação ideológica, difusão de valores morais, daqueles que estão gerindo entre aqueles que pretendem. São inúmeros os olhares que seguindo a lógica do momento histórico, estratégias diversas são elaboradas e executadas, paradigmas são rompidos, teorias são criadas. Todos, mecanismos de controle social, seja para ascensão ou conformação das imposições do momento.

### **Considerações finais**

Pensar a educação para a emancipação é uma questão ampla que requer reflexão e posicionamento crítico dos sujeitos no exercício de suas funções sociais. É uma preparação para as práticas automatizadas e racionalizadas sob a égide da indústria cultural que regula as ações, as reações e as reflexões dos sujeitos. Preparação para compreender que a lógica dominante e impõe uma autoridade física, psíquica e social aos homens e a partir dessa percepção empreender ações para a transformação.

Viver sob a égide de ideologias dominantes sem tomar consciência das mesmas leva a sacralização, a criação de mitos e preconceitos acerca de processos e dinâmicas sociais que poderiam suscitar o esclarecimento, a formação, a emancipação.

É necessário, portanto, investir no aprofundamento para a busca da verdade, do entendimento, para que possam romper com as verdades objetivas e perceber as ideologias incrustadas nos atos, nas palavras, nos objetos, na história. É uma possibilidade que poderia ser desencadeada pela escola se ela desamarrasse os nós da desmotivação, das interpretações da superficialidade dos conteúdos e das discussões, da autoridade da avaliação, da despreparação do professor quanto ao uso das tecnologias, das teorias, dos métodos, das justificativas rasas para as ordens e para os problemas de gestão.

Consideramos que questões macro do tipo burocracia administrativa, currículo, recursos e gestão limitam e aprisionam a dinâmica da escola, mas que por outro lado, a resistência, o déficit, a barbárie e a alegoria acontecem por falta de formação daqueles que a comandam em âmbito local.

Combater esse processo aniquilador das vicissitudes humanas em prol de questões e ações democratizadoras impõe posicionamentos críticos sob uma análise sociológica para avaliar a formação social, sob o imperativo da modernidade. A educação política é a via para o esclarecimento, para a dialética entre o passado e o presente, entre as dificuldades societárias do ontem e do hoje. Educação política propõe ações torneadas por questionamentos e análise crítica.

Esta deve ser a posição ante as Tecnologias da Informação e Comunicação, sobretudo, a internet na democratização de saberes, descortinando as crenças emancipatórias somente pela garantia do acesso, mas sim, pela interpretação das informações, dos saberes e espaços, mecanismo para a busca da verdade a respeito do movimento híbrido das trocas culturais, das relações de autoridades compartilhadas pela via da discussão, da colaboração. É preciso retornando a Boaventura, a reflexão sobre o processo de transição paradigmática, a verdade nas relações sociais, nos movimentos culturais, o acesso ao conhecimento, enfim sobre a vida em sociedade, para a construção de uma educação política.

#### Referências bibliográficas

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

LEVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Loyola, 1998.

LION, Carina Gabriela. "Mitos e realidades na Tecnologia Educacional". In: LITWIN, Edith (org). **Tecnologia Educacional: política, histórias e propostas**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1997. p. 26-36.

MCLUHAN, Marshall. **A galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico**. São Paulo: Edusp, 1972.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 1999.

\_\_\_\_\_. **Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática**. São Paulo: Cortez, 2000.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. **Fernando de Azevedo e a Cultura Brasileira ou as aventuras e desventuras do criador e da criatura**. São Paulo, PUC, 1995. (Dissertação – Mestrado em Educação)

[1] Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Sergipe mcslinhares@gmail.com

Recebido em: 05/07/2015

Aprovado em: 05/07/2015

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN: 1982-3657

Doi: